

# Para quando a preservação?

25/6/99

N. (Supl. Indep. 24<sup>o</sup> anin) p. 8

A NOSSA Reportagem quis saber do administrador Seguro se não se sentia "diminuído" por não conseguir preservar os locais onde ele próprio fez a sua história, na sua terra natal, onde ele é

o chefe máximo.

"Eu tenho o meu sentimento. De facto, não estamos a conservar a nossa História. Eu estou aqui como administrador, mas para nós podermos conservar precisamos de alguns meios, sobretudo financeiros. Os meios humanos existem", respondeu.

Segur acha que é de facto necessário conservar os locais históricos, ao invés de se pensar que independentes que estamos podemos esquecer tudo isso, como está a acontecer em muitos dos locais referidos, ora irreconhecíveis.

"Neste momento nós só falamos 'fui isto, fui aquilo, ficava ali e acolá', mas estamos a apontar lugares vulgares, não diferentes dos outros, às vezes apontamos para a casa de alguém que está já a habitar o sítio".

As ideias à volta duma efectiva preservação dos locais históricos pelos Serviços de Cultura, em coordenação com a Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional, não passaram disso.

Em Setembro de 1997, o primeiro, secretário do partido Frelimo quis imprimir alguma dinâmica no processo conducente à identificação de modalidades mais eficazes para a conservação dos locais históricos que muito "falam" deste país.

João Alfai reconhecia, então, que os locais estavam num estado de total abandono e prometeu na altura que o partido

Frelimo iria desenvolver esforços para a valorização e restauração. Não se foi mais além com a ideia.

Mas da parte governamental adensavam-se ideias que sugeriam maior preocupação, com Mário Intetepe, director provincial da Cultura, Juventude e Desportos, a desdobrar-se para as bases situadas naquela região, numa missão então classificada como técnica. Ouviu ideias das populações sobre como cuidar daqueles locais e preservar os monumentos históricos. Também não passou daí.

Volvidos dois anos, tudo na mesma, e a imagem que encontramos é de mais degradação e maior indefinição, havendo ideias de que o problema é capaz de ser um pouco mais complicado do que se pensa.

Um professor contactado na Escola de Luanda disse, em tom humorístico, que "não se pode insistir em preservar a História se os fazedores não entendem nada disso. É o tipo de pessoas que estiveram ali, que não têm nenhuma sensibilidade por aquilo que o senhor está a dizer. É por isso que querem fazer machambas e os outros estão nos seus negócios em Pemba ou Maputo. As bases fizeram o que lhes competia a seu tempo".

Este sentimento pessimista parece ajustar-se perfeitamente ao que está a acontecer, pois estar-se em Miteda hoje não difere em nada de estar em qualquer outro ponto do país, apenas para dar um exemplo.